

Transcrição Grupo Focal CP_CA

Prática NE_SB

Professores e Técnico

MO3_NE (Moderadora) – A primeira questão que vos coloco é a seguinte, vocês integram o conjunto de professores/técnicos que estão vinculados à prática. Quem mais participa nesta prática?

C2_NE (Coordenadora 2) – A Assistente Social, a Psicóloga...

C1_NE – Praticamente são os professores das respectivas disciplinas mais visadas pelo projecto, até porque nós temos a Matemática...e sabemos que a Matemática é o calcanhar de Aquiles e como tal dirigimos a ação para os alunos que têm mais dificuldades na Matemática e no Português. Claro que o Português é essencial para a Matemática e por isso, como já sabes, nós temos três turmas que são divididas em grupos. Fazemos assim, juntamos três turmas mais ou menos homogéneas de acordo com as dificuldades depois de fazer um diagnóstico e dessas três turmas resultam outras três... Temos um grupo que não precisa praticamente de apoio complementar porque a turma como é homogénea... anda para a frente... só tem um professor, o professor titular da turma. Nos outros grupos nós temos um acréscimo de recursos humanos que é para ajudar, para fazer um trabalho diferenciado na sala de aula e esses meninos conseguem progredir. Faz-se a monitorização do projecto sempre, do avanço ou do recuo dos alunos e quando vemos que os alunos não estão a conseguir nós vamos mudá-los, eles transitam de um grupo para outro. Se já conseguiram colmatar as dificuldades vão para um grupo melhor, se não evoluíram ficam no mesmo grupo... e durante todo o ano lectivo fazemos essa monitorização... Se calhar vou responder a outras questões mas... o que nós vemos é que os alunos conseguem recuperar, conseguem ter sucesso nas disciplinas, principalmente a Português o sucesso é sempre melhor a nível da avaliação interna. A nível da avaliação interna nós temos a parte cognitiva mas avaliamos outros parâmetros como as atitudes e valores. Portanto, eles a nível interno são avaliados de acordo com esses parâmetros todos e conseguem ter sucesso e são boas turmas. A nível da avaliação externa os alunos não conseguem ter sucesso e porquê? Porque os alunos além de só serem avaliados no domínio cognitivo, os alunos que

tinham muitas dificuldades a nível da Matemática não conseguem alcançar o sucesso. As atitudes e os valores, trabalho de grupo, as relações humanas também contam na avaliação interna e então eles conseguem ter sucesso. Nós na NE_SB estamos mais virados não para obter um sucesso óptimo a nível do conhecimento... porque a maioria dos alunos têm dificuldades e se conhece a caracterização do nosso agrupamento vê que são alunos com problemas familiares, de um estrato social muito baixo em que os pais não os conseguem apoiar ou são alunos desmotivados da escola... e nós tentamos prepará-los assim "para a vida"... para o seu percurso de vida e para eles conseguirem ter um papel ativo na sociedade. Portanto, eles desenvolvem competências, embora a nível cognitivo haja também um certo avanço, a nível de competências de atitudes e valores e até em intervenção, são miúdos que às vezes intervêm muito... Na avaliação interna, estes alunos têm sucesso na avaliação externa estes alunos ficam um bocadinho aquém do esperado.

C2_NE – Mas a Felismina está a falar mais a nível do 3º ciclo e nós estamos a falar da NE_SB...

C1_NE – Não, eu estou a falar da NE_SB. Na NE_SB eu vejo os meus resultados na Matemática há imensas reprovações, alunos que têm um três (3) e descem para um (1).

P1_NE – Sim principalmente no grupo mais fraquinho nas provas e nos exames não conseguem ter sucesso.

MO3_NE – Então quem integra esta prática são os coordenadores, os professores...

C1_NE – Professores do grupo...

T7_NE – Animador sociocultural, Psicólogo e Assistente social.

MO3_NE – São estes os intervenientes na NE_SB?

T7_NE – Sim.

C1_NE – Sim. Há uma coisa que eu quero dizer, este ano no 5º ano de escolaridade optamos por acabar com a NE_SB, neste ano, uma vez que estamos na flexibilização do currículo. De qualquer forma nós vamos ter de elaborar um novo projecto, um plano de melhoria PNBE. Nós estamos neste momento a debater nos grupos, no grupo de

Matemática e no grupo de Português do 2º ciclo, uma actividade semelhante. Estamos a debater se devemos continuar com a prática NE_SB dado que estamos com a flexibilização do currículo. Este ano no 5º ano, sem integrar os alunos na NE_SB, os alunos com mais dificuldades de várias turmas têm um complemento, a Matemática e a Português... sem ser NE_SB. É uma forma de colmatar necessidades dos alunos no seu geral. Não quer dizer que este não vá existir com o plano de melhoria PNBE, para os três anos...mas como é o primeiro ano do plano e é apenas uma ano de referência, estamos a discutir se vamos continuar com a prática NE_SB ou não.

MO3_NE – Podemos dizer que estão num processo de negociação e/ou de renegociação da própria prática?

C1_NE – Sim. Na minha opinião a prática é boa e funcionou. Claro que depois... nós não colmatamos todas as dificuldades dos alunos. Em primeiro lugar, porque os meninos estão sobrecarregados de actividades, o horário deles é um horror... Eles não têm tempo para estudar, para fazer os trabalhos de casa. Eles levantam-se às seis da manhã e vão para casa às oito horas da noite... Nós não conseguimos aquilo que desejaríamos, mas vamos continuar porque há sempre melhorias.

MO3_NE – Qual é a finalidade, o objetivo desta prática?

P1_NE – A melhoria e o sucesso dos alunos, quer interno quer externo.

C1_NE – Melhoria dos resultados a todos os níveis, não podemos esquecer que não é só cognitivo. Também a nível comportamental, de relações...

MO3_NE – Com quem interagem mais? Com as crianças e jovens, com os professores, técnicos, pais, direção, auxiliares de ação educativa, ou outros?

C1_NE – Mais com os professores, com os pais também damos conhecimento da prática, com os técnicos, com os alunos.

MO3_NE – Com que frequência interagem? De uma forma geral, diariamente, semanalmente, mensalmente...

C2_NE – Semanalmente com os técnicos e professores, com os pais é mais através do Diretor de Turma, no final da semana e no final de cada período lectivo... talvez semanalmente... contudo e embora o Diretor de Turma possa receber os pais

semanalmente, os pais muitas vezes não têm tempo para vir à escola. De qualquer forma, se os pais não vêm o Diretor de Turma preocupa-se sempre em transmitir aos pais toda a informação, se o aluno evoluiu, senão evoluiu se vai ser mudado de grupo ou não e porquê, dá-se sempre uma justificação.

T7_NE – Na pior das hipóteses dá-se essa informação através da Caderneta do Aluno.

MO3_NE – Consideram que o tempo de interação é suficiente para os objetivos da prática?

C1_NE – Não é suficiente. Mas não é suficiente porque nós não queremos mas porque também temos o nosso horário escolar. Nós temos a nossa actividade lectiva, reuniões... nós passamos, especialmente os coordenadores, imenso tempo na escola. Às vezes não temos espaço, improvisamos um espaço para tratarmos de assuntos da prática NE_SB.

P1_NE – Muitas vezes recebemos os pais fora do horário marcado...

C1_NE – E muitas vezes o trabalho burocrático ocupa muito tempo que poderia ser utilizado noutras tarefas, na minha opinião.

P1_NE – Que é a nossa também.

C2_NE – Eu penso que deveríamos ter uma hora por semana para nos reunirmos os professores e técnicos... e não há.

MO3_NE – Este ponto vai de encontro à próxima questão, através de que meios interagem? Presencial, reuniões formais, encontros ocasionais nas salas/corredores, fora da escola, telemóvel, mail, redes sociais...?

T7_NE – Muitas vezes acontece quando estamos a passar uns pelos outros no corredor...é uma forma de rentabilizar o tempo...

P1_NE – A maioria da informação circula desta forma.

C1_NE – Embora tenhamos as reuniões de articulação. Mas uma é para reunião de Departamento, outra é para reunião de Grupo, para tratar de assuntos relacionados, como nova legislação etc...Depois temos reuniões Intercalares, reuniões de Cidadania,

reuniões de Conselho Pedagógico...Ou seja, nós não temos espaço para nos reunirmos e debatermos aquilo que é realmente importante.

MO3_NE – E através de outros meios, como o telemóvel, as redes sociais...

C2_NE – Por email. Todos temos email institucional.

P1_NE – Criamos um grupo e comunicamos por email.

MO3_NE – Mesmo em casa?

C2_NE – Sim, até mesmo em casa porque a nossa actividade profissional estende-se à nossa casa.

P1_NE – Quantas vezes até altas horas da noite.

[Risos]

MO3_NE – Em que alturas sentem maior necessidade de interagirem e com quem?

C1_NE – Geralmente vamos interagir no final do período lectivo. Os Coordenadores de Departamento analisam os resultados e põe em discussão esses resultados. Porque é que os meninos mudaram de grupo ou porque não mudaram de grupo... porque também pode acontecer. Então nestes encontros há um debate e uma análise, na reunião de Departamento, que depois vai ser reflectida e encontradas estratégias de melhoria em reunião de Grupo. Fazemos essa análise mais pormenorizada no final do período lectivo depois de sabermos os resultados da avaliação.

MO3_NE – No desenrolar da prática e das vossas tarefas já sentiram, enfrentaram, situações imprevistas, situações em que tenham tido incertezas relativamente ao que e como fazer? Se sim, podem dar algum exemplo? Se sim, o que fazem/fizeram nessas alturas para ultrapassar essa situação de incerteza, essa situação problemática?

Todos – Já.

C1_NE – Estamos agora com esse problema. Nós agora na elaboração do Plano de Melhoria PNBE, para os próximos três anos, estamos com essa dúvida. Vamos continuar? Não vamos? Onde, como, o que é que podemos fazer para melhorar a prática? Vamos pôr de lado a prática? Estamos a analisar e a tentar perceber o que

podemos fazer de diferente do que estamos a fazer... É positivo o que estamos a fazer mas se calhar podemos fazer melhor.

MO3_NE – E durante o desenrolar da prática NE_SB conseguem identificar outros exemplos?

T7_NE – Como reformular estratégias?

MO3_NE – Exatamente.

C1_NE – Há alunos que não gostam da escola, são alunos que não têm motivação, não têm apoio em casa, nós trabalhamos a motivação mas depois em casa reverte-se o trabalho que foi feito...

T7_NE – Porque em casa não há regras, não há um estímulo...

C1_NE – E já foi proposto fazermos aqui na escola acções de sensibilização dirigidas a pais... mas como o Vasco referiu, e outros colegas...

T7_NE - Não há muita adesão por parte dos pais...

P1_NE – Os pais simplesmente não aparecem.

T7_NE – Nessas reformulações de estratégias, começamos por fazer essas acções de sensibilização na escola sede dirigidas aos pais e encarregados de educação mas a adesão foi fraquíssima e então adotamos uma mudança de estratégia que era irmos às nossas escolas do 1º ciclo, que são catorze, e fizemos catorze acções de sensibilização no ano passado. Não mudou muito o resultado especialmente em relação àqueles pais ou encarregados de educação que deveriam estar mesmo presentes. Quanto mais vulnerável é a situação socioeconómica, mais difícil é termos os alunos em pleno e o suporte, a retaguarda, os encarregados de educação.

P1_NE – Os pais não acreditam, desacreditaram a escola.

T7_NE – Sim.

C1_NE – Não concordo. O problema é a motivação, por muito que eu diga aos alunos... eu e os colegas... já perguntei muitas vezes aos meus alunos o que querem ser no futuro e eles não sabem.

[A conversa flui para a falta de apoio e de recursos por parte da família/encarregados de educação na motivação dos alunos para a escola]

MO3_NE – E que outras incertezas sentiram relativamente ao que e como fazer?

P1_NE – Uma das maiores dificuldades que eu senti foi em relação aos critérios para formar os grupos.

C1_NE – Os critérios são formulados no 1º ciclo, nos acompanhamos os meninos desde o 1º ciclo até ao final do 2º ciclo. E no final do 2º ciclo encaminhamos esses alunos. Os professores do 1º ciclo referenciam os alunos com mais dificuldades a Matemática e a Português nas turmas e eles chegam aqui e automaticamente forma-se a NE_SB... com o critério do insucesso da matemática e do Português e que se reflecte nas outras disciplinas. Como nós precisamos de mais dados e reforçar a informação que nos foi transmitida pelos professores do 1º ciclo nós, primeiro fazemos uma ficha de diagnóstica e observamos os resultados e depois damos a primeira unidade e fazemos a avaliação e monitorização e comparamos os resultados e é aí que nós vamos formar os grupos. Mas quando formamos os grupos por vezes temos alguma resistência por parte dos pais e temos as tais dificuldades e temos que nos impor, porque se o filho está no grupo com mais dificuldades os pais dizem-nos que estamos a chamar aos filhos de “burros”. E aí temos resistência.

[A conversa gira em torno da descrição da prática]

MO3_NE – Vocês têm critérios para formar os grupos mas mesmo assim sentem dificuldades?

P1_NE – Sim, sinto.

C1_NE – É assim, não temos muitos recursos...

C2_NE - Nesta prática temos seis horas semanais para Português e para Matemática.

C1_NE – A dificuldade que nós temos em gerir é em alocar essas horas aos grupos que têm mais dificuldades mas depois também há o segundo grupo que é o intermédio que também têm dificuldades e nós não temos recursos para gerir e para superar esta dificuldade optamos por utilizar as horas que não são atribuídas à prática, com os

professores que estão na escola sem actividade lectiva, para desta forma tentar colmatar esta dificuldade.

C2_NE – Por exemplo, o segundo grupo por vezes precisa de um professor assessor. E nós resolvemos esta dificuldade enviando os alunos para aulas de apoio. O grupo com mais dificuldades nunca tem mais de 16, 17 alunos. Se nós fossemos enviar alguns alunos, que têm bastantes dificuldades, do segundo grupo para o primeiro grupo, ficava um grupo muito grande e eles precisam ter um apoio individualizado e esta questão, do meu ponto de vista é um constrangimento.

C1_NE – Mas esses alunos que têm mais dificuldades são-lhes atribuídos tutores, nós temos as tutorias...que tentam incutir a organização, a realização dos trabalhos... é por isso que eu acho que esses alunos estão sobrecarregados, é que para além do apoio, têm tutorias e nas aulas têm um apoio mais individualizado.

C2_NE – E nesses casos as fichas de avaliação são adaptadas. O nível mais “fraco” tem um grau de dificuldade menor.

P1_NE – Nos três grupos [as fichas são diferentes] cada uma adaptada ao grupo em questão.

C1_NE – E por essa razão depois vai-se reflectir na avaliação externa.

[Conversa discorre sobre as várias dificuldades dos alunos]

MO2_NE - Identificam processos de negociação e de renegociação entre aqueles que estão envolvidos na prática? Negociação da própria prática, da forma de fazer a prática, da necessidade de reconstruírem a prática: instrumentos de ação, linguagem? Se sim em que alturas e em relação a que aspetos mais frequentemente surgem esses momentos de negociação?

C1_NE – Sempre, porque nós temos que justificar os recursos que o PNBE atribui e duas vezes por ano fazemos um relatório intermédio da acção para o responsável do PNBE. Ele vem cá e nós discutimos os resultados, os processos, as formas de fazer... discutimos tudo... e no final do ano fazemos sempre um relatório...

C2_NE – Fazemos sempre dois relatórios, um da acção interna e depois fazemos um relatório semestral do PNBE.

C1_NE – Nós temos metas e atingimos as metas... por essa razão continuamos com o PNBE. É sinal que a prática NE_SB está a funcionar.

[Diálogo sobre os resultados internos da prática NE_SB. A professora Andrea informa que tem que sair do grupo Focal]

MO3_NE - Até que ponto se pode dizer que o conjunto dos professores/técnicos envolvidos diretamente na prática trabalham de forma articulada/colaborativa? E qual tem sido o sentido da evolução nesta matéria?

C1_NE – Esta questão já foi respondida...

P1_NE – Nós reunimos, os professores que fazem parte da NE_SB, reunimos. Temos uma hora no horário por semana para articulação sobre os grupos. Debatermos as mudanças de grupo, as articulações, para irmos ponderando os avanços dos alunos, para fazermos o teste, para vermos a evolução.

T7_NE – Sim.

C1_NE – Eu trabalho mais com o departamento, eu não reúno com os colegas nessa actividade de articulação. O que eu percebo, no meu departamento e é uma opinião pessoal, é que podíamos melhorar este trabalho de articulação. Ou porque os professores não têm tempo... a realidade do nosso ensino é esta...alguns professores não têm tempo. Não há tempo para pensar o que é que nós poderíamos fazer e muitas vezes esse tempo para as reuniões de articulação não são proficuas...na minha opinião. É um bocado difícil gerir um projecto que deve estar em articulação constante em 45 minutos semanais. E considero que não temos melhores resultados porque não temos tempo de articulação e não temos para pensar. E aí nós falhamos na articulação, porque a articulação deve ser constante. A articulação ainda não entrou nas nossas práticas diárias como sendo uma coisa simples...talvez porque...porque não temos tempo. O sistema sobrecarrega-nos com tanta burocracia que nós não temos tempo para pensar. Há uma articulação, digamos assim, com défice no que respeita não só à articulação entre pares mas também a articulação com os técnicos... e isso não há. Se calhar todos a debater um assunto poderiam melhorar a prática. Há uma intenção mas na prática é difícil concretizar essa intenção.

T7_NE – No fundo é mesmo esta sobrecarga horária de várias atividades, em que estamos todos envolvidos, temos que nos dividir um bocadinho por todas e é por isso que às vezes é difícil... conseguirmos tapar buracos quando nos encontramos por acaso no corredor e alguém nos diz para não nos esquecermos sobre um determinado assunto... não é que o nosso trabalho seja feito sem sentido, mas andamos um bocado a reboque das necessidades. É como a professora Felismina diz, em vez de pararmos para pensar o que podemos fazer para melhorar, andamos a reboque das necessidades e não a antecipá-las de forma consciente e sustentada para depois agirmos com mais firmeza e mais assertividade.

C1_NE – E nós também devíamos analisar a Escola, a Escola em si devia analisar melhor a gestão dos recursos. Porque a Escola também não tem tempo para pensar, para reflectir sobre a gestão dos recursos que eu acho que são muito importantes para melhorar a própria Escola.

[Conversa em torno sobre a alocação dos recursos por parte da instituição Escola]

MO3_NE – A próxima questão já foi abordada, descrevam situações típicas e relevantes de interação entre vocês.

Todos – Essa questão já foi respondida!

MO3_NE - Pensam que aprenderam algo com esta prática? Se sim ou não, expliquem.

C1_NE – Eu acho que estamos sempre a aprender.

T7_NE – Embora pareça aquela velha máxima, nós estamos sempre a aprender.

C1_NE – Mesmo que uma actividade não resulte aprendemos porque aquilo não resultou...eu aprendi e então vou mudar. Analisarmos faz-nos sempre progredir como profissionais, nós compreendemos que se calhar estamos a fazer mal e reformulamos! A nível da articulação, a nível da forma como fazemos, o que é que tratamos, o que é que interessa... Vamos fazer uma reunião de articulação e pensar qual é o problema que vamos debater. Isso nós também aprendemos. Aprendemos sempre com o erro! Tal e qual como o aluno que aprende com o erro. A prática também nos ajuda a melhorar enquanto profissionais. Nós se estamos a debater hoje a prática NE_SB é sinal de que as coisas não estão bem. Por esse motivo nós iniciamos um debate, vamos ter reuniões

com os professores afetos à prática, embora no Conselho de Turma todos estejam implicados porque também há a articulação com os professores do Conselho de Turma... Por isso estamos sempre a reformular.

T7_NE - Na minha área o que eu aprendi, não foi nada que eu não soubesse à partida, mas na prática senti isto, a necessidade de uma constante reformulação da actividade. Há dois ou três anos, já não consigo precisar, estávamos a trabalhar a Português num conto e eu entrei em uma das turmas para ajudar a suavizar a linguagem, tentar aproximar a linguagem à linguagem mais corrente dos alunos e correu muito bem. No grupo a seguir tive que reformular toda a actividade.

MO3_NE – O que aprenderam, com quem e em que altura/s consideram que aprenderam?

C1_NE – Aceitamos as ideias, aproveitamos as melhores mesmo que não sejam as nossas...

C2_NE – E pomos em prática essas ideias.

C1_NE – Por exemplo, nós tínhamos nomes para os grupos, era o grupo de nível 1, de nível 2 e de nível 3. Para mim estas designações eram igualmente boas.

C2_NE – Para mim não.

C1_NE – Mas os pais diziam ou pensavam que existiam grupos melhores do que outros e então em Conselho Pedagógico propôs-se que as designações dos grupos 1,2, e 3 fossem substituídas pelas letras X, Y e Z. Para que os pais não associassem as letras a diferenças entre os grupos. Eu não estava de acordo mas aceitei. Eu não estava de acordo porque acho que era uma forma de responsabilizar os pais pela atribuição dos grupos. Isto demonstra que mesmo se não concordamos aceitamos as ideias e posições dos colegas. Estes debates, todas as directrizes que tomamos a Português e a Matemática são sempre aprovadas em Conselho Pedagógico.

C2_NE – Outra das mudanças foi não dizer o grupo mais fraco mas sim o grupo com mais dificuldades.

MO3_NE - O que pensa que ensinaram e a quem?

C1_NE – Ensinamos a todos aos alunos e aos professores. A nível de equipa acho que já falamos. Há uma troca mútua de aprendizagens!

C2_NE – O que cada grupo está a sentir, os constrangimentos.

T7_NE – Acho que é mesmo a orgânica de uma estrutura relacional, sabermos ouvir sabermos falar, não sentimos constrangimentos e somos sinceros uns com os outros.

[A professora Felismina explica que tem de sair por uns minutos do Grupo Focal]

MO3_NE - Identificam modos de fazer, rotinas, procedimentos, estratégias, instrumentos e linguagem (materiais que usam, construíram, adaptaram...uso de códigos linguísticos específicos...) específicos da vossa equipa de trabalho que tenham vindo a ser desenvolvidas por causa e ao longo da prática? Quais/Exemplos?

T7_NE – Tem que haver uma adequação da linguagem ao referirmo-nos aos alunos, a rotina da relação faz essa diferenciação de grupo para grupo, As rotinas das práticas dos professores e técnicos envolvidos identificam quais são os alunos, quais são as suas dificuldades mais prementes, a matéria que vai ser leccionada ou que vai sair num teste... às vezes basta uma troca de olhares [entre os profissionais] porque o grupo está mecanizado porque trabalha em conjunto há muitos anos...

C2_NE – Embora exista uma troca [de profissionais] são quase os mesmos.

T7_NE – No ano passado foi muito difícil articular o meu trabalho com a professora Aida e bastava muitas vezes um olhar para amenizar a situação. A rotina, o conhecimento do outro, desde os encontros mais formais como as reuniões, aos encontros informais a linguagem acaba por ser muito comum ao grupo de trabalho. Por esse motivo nós quase que não intervimos quando a professora Felismina respondia às questões, porque as opiniões são idênticas não há assim uma discrepância. E mesmo quando há um assunto mais “delicado” a tratar como nós nos conhecemos muito bem já sabemos a forma de abordar o assunto com o outro para que o outro seja mais receptivo.

MO3_NE - Identificam modos de fazer, rotinas, estratégias que tenham sido abandonadas por causa e ao longo da prática.

[A professora Felismina regressa ao Grupo Focal]

C1_NE – Como já mencionamos no 5º ano este ano a prática NE_SB não arrancou porque existe outro projecto.

[A professora explica como anteriormente este projecto foi implementado na Escola].

C1_NE – Este ano a prática NE_SB não arrancou para vermos os resultados deste projecto no 5º ano. Ainda não podemos analisar os resultados para determinar se a prática vai continuar mesmo com a vigência deste projecto. Mas vamos sempre reformulando as actividades, nunca abandonamos nenhuma, vamos sempre reformulando as práticas. Talvez no início abandonamos uma estratégia, a filosofia da NE_SB é todos os alunos chegarem ao mesmo mas por vias diferentes e por isso nós nos três grupos dávamos teste iguais, pois tinham que chegar ao mesmo ponto, com estratégias diferentes mas percebemos que não tínhamos resultados. Tínhamos melhorias no saber estar, no relacionamento, no trabalho cooperativo, no trabalho de grupo, no respeito entre os alunos mas não a nível de resultados. Ora se exigíssemos o ao grupo com mais dificuldades o mesmo que exigíamos aos outros grupos não estaríamos a fazer nada por estes alunos porque ainda estávamos a aumentar as dificuldades. Então começamos a preparar estes alunos para a vida, para a vida em si. Nós sabemos que estes alunos nunca irão para um curso superior, irão talvez para um curso técnico. Então pensamos nisso, no caso da Matemática, vamos dar uma Matemática mais funcional e quando chegarem ao 9º ano vamos canalizá-los para um curso mais prático, profissional. Foi uma das estratégias que adotámos. Porque nós não estávamos a conseguir mesmo com estratégias diferentes nos diferentes grupos chegar ao mesmo ponto, à mesma meta a nível cognitivo porque os alunos com mais dificuldades não têm bases.

C2_NE – A Português nós estruturamos um teste base e depois os professores de cada grupo adapta esse teste ao grupo em questão. Adequamos a linguagem, a extensão das questões, colocamos perguntas de escolha múltipla.

C1_NE – Numa turma boa, fazemos algumas questões de aplicação de conhecimentos.

[O diálogo versa sobre a forma de como os professores estruturam os testes a aplicar aos grupos]

T7_NE – A grande mudança é nas estratégias que vamos utilizando entre os diferentes trêes grupos. O meu papel é de facilitador entre o papel dos professores e os conteúdos.

[A conversa discorre sobre outra prática e a adaptação do seu trabalho aos grupos e a outros projectos em curso na escola]

C1_NE – Uma coisa que considero que não está bem e que pode ser melhorada é que no final dos projectos apenas o Promotor do projecto faz a avaliação do projeto e faz essa avaliação sem consultar os intervenientes directamente ligados às práticas. É um erro nosso [da equipa] porque nós [equipa] não discutimos os pontos fracos e os pontos fortes das práticas...por falta de tempo, de espaço e muitas vezes não temos pré-disposição para...

MO3_NE - Como gostariam que o vosso trabalho se desenvolvesse? Que sugestões de melhoria para a prática em estudo?

C1_NE – Estamos numa fase de análise, de discussão.

MO3_NE – Essa necessidade partiu de vocês enquanto equipa ou foi proposta?

C1_NE – Não. Só nos propuseram se queríamos continuar as mesmas acções nos mesmos moldes ou se queríamos terminar a acção e iniciar outras ações novas. A prática NE_SB na sua origem foi baseado no projecto Bennu e nós adaptamos na altura o projecto á nossa escola, com três turmas porque também não poderíamos fazer mais. No fundo, na sua análise a prática NE_SB foi positiva é uma prática que embora não tenhamos resultados óptimos funciona bem. E nós estamos a reflectir se queremos continuar com a prática NE_SB, se vamos abandonar a prática. E hoje vamos ter reunião de grupo de Português e Matemática para discutir e analisar as propostas que vão ser analisadas, os prós os contras e para discutir ideias, por isso não podemos neste momento responder a esta questão.

C2_NE – Eu posso falar na disciplina de Português e em princípio vamos continuar com a prática NE_SB, mas agora a forma como vamos desenvolver a prática ainda vamos reformular.

C1_NE- E nós, em princípio também vamos continuar com a prática mas a denominação da prática poderá mudar. Agora o que vamos mudar ao nível das práticas, ao nível da articulação, da alocação dos recursos... Nós estamos muito direccionados

nesta prática para colmatar dificuldades dos alunos com mais dificuldades mas esquecemo-nos que aos outros alunos nós temos que propor novos desafios e vamos também debater o que vamos dar a mais aos alunos que já alcançaram o esperado, que estratégias vamos utilizar para estes alunos. Em princípio a prática NE_SB mantém-se.

MO3_NE – A última questão que gostava de vos colocar é, essas sugestões envolvem mais comunicação entre os envolvidos?

T7_NE – Necessariamente.

C1_NE – Sem dúvida.